



MACHADO DE ASSIS: A IDENTIDADE NACIONAL

Lealis Conceição Guimarães *

Resumo

O objetivo deste trabalho é mostrar como se manifesta a identidade nacional na literatura brasileira do século XIX, segundo o crítico Machado de Assis.

Abstract

The objective of this work is to show how the national identity in the Brazilian literature in the XIX century is manifested according to critic Machado de Assis.

Palavras-chave: literatura brasileira, identidade nacional, crítica, Machado de Assis.

Key-words: Brazilian literature, national identity, criticism, Machado de Assis

Introdução

Sabe-se que o século XIX, especialmente na literatura brasileira, caracterizou-se pela grande preocupação em demonstrar a identidade nacional. Este trabalho tem como objetivo tecer comentários sobre o ensaio *Literatura Brasileira - Instinto de Nacionalidade*, de Machado de Assis, um dos mais importantes textos de crítica literária, em que ele apresenta um painel dos trabalhos literários desenvolvidos na época.

A identidade brasileira na literatura do século XIX

"*Quem examina a atual literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade*" (p.129). Assim começa Machado de Assis este artigo publicado inicialmente no periódico *O Novo Mundo*, em Nova Iorque (1873). Percebe-se que a expressão "*certo instinto de nacionalidade*" tem sentido ambíguo, podendo ser quantitativo, como algum instinto de nacionalidade, ou qualitativo, como verdadeiro.

* Docente de Língua Portuguesa do Centro de Estudos Superiores de Londrina e mestranda da UNESP, Assis - SP.



No referido texto, Machado de Assis assegura que "*todas as formas de pensamento buscam vestir-se com as cores do país*" (p.129). E explica que tanto o romance como a poesia já se preocupam em mostrar aspectos particularmente nacionais.

Diz ainda que Basílio da Gama e Santa Rita Durão, considerados precursores dessa poesia brasileira, buscavam inspiração na luxuriante natureza do continente americano, dando caráter peculiar ao pensamento nacional. Eles foram seguidos por Gonçalves Dias, Porto Alegre e Gonçalves de Magalhães, bem como por outros jovens sucessores literários, os quais fazem disto uma questão de honra.

Machado de Assis critica duramente Tomás Antônio Gonzaga e alguns outros que também não souberam se desligar do arcadismo, caracteristicamente importado, embora admire-lhes o talento.

O crítico tem certeza de que a independência do pensamento nacional acontecerá, mas paulatinamente. Tal instinto de nacionalidade está impregnado em todos, só precisa ser incentivado para aflorar. Ele constata que realmente existe "*o geral desejo de criar uma literatura mais independente*" (p.131).

Examinando se já havia pré-requisitos históricos para uma nacionalidade literária, Machado de Assis começa abordando o indianismo na literatura brasileira, referindo-se à obra de Gonçalves Dias (Os Timbiras, I-Juca Pirama, e outros poemas), que despertou a atenção brasileira para a história e costumes dos índios.

Depois de elogiar o romance *Iracema* de José de Alencar, Machado afirma ainda que os escritores brasileiros estão percebendo que há outras fontes de inspiração nacional, encontradas também nos costumes civilizados, não apenas na "*vida indiana*". Esta é "*apenas um legado, tão brasileiro como universal*" (p.131), declara, chamando atenção para o universalismo do indianismo romântico. Ele cita ainda as obras de Bernardo Guimarães, Joaquim Manuel de Macedo, Visconde de Taunay e Franklin Távora.

É importante ressaltar o seguinte conselho de Machado de Assis aos escritores: "*O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço*" (p.135). Para ele, o escritor deve sempre deixar, no seu fazer poético, as marcas de sua personalidade e do sentimento nacional. A crítica literária educativa e doutrinária é importante para apurar o gosto por uma literatura de muito boa qualidade, com condições para perdurar no futuro.

No Brasil desta época, o romance e a poesia lírica são as formas mais cultivadas com predomínio daquele, que busca sempre "*a cor local*" ao reproduzir o cotidiano da vida brasileira. Os romances que retratam os costumes do interior são a maioria e conservam melhor a tradição nacional, enquanto os cidadãos demonstram forte influência européia. Outros poucos se destacam, apresentando aspectos da sociedade colonial.

Alguns são voltados para a análise das paixões e dos caracteres, mas raríssimos são os romances puramente de análise, talvez por serem ainda incompatíveis "*com a nossa adolescência literária*" (p.137), de acordo com Machado de Assis.



O romance brasileiro desta fase caracteriza-se pelo sentimentalismo, apresentando pitorescos e animados quadros da natureza e dos costumes. Enfatiza Machado de Assis que, embora haja boas obras, ainda há necessidade de aprimorar algumas qualidades essenciais.

Já no difícil gênero dos contos, ele declara que existem raras tentativas, merecendo destaque Luís Guimarães Júnior, folhetinista, elegante e jovial. E ressalta que "*há geralmente viva imaginação, instinto do belo, ingênua admiração da natureza, amor às coisas pátrias e além de tudo isto, agudeza e observação*" (p.140).

Ao tratar da poesia, Machado faz referência a poetas como Álvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Castro Alves (já falecido) e Bernardo Guimarães, que muda de gênero e passa a escrever romance. Examina a produção dos poetas mais novos e comenta que "*não faltam à nossa poesia fogo nem estro*" (p.142), porém devem apurar melhor o gosto e escrever com mais correção e clareza de idéias. Ele insiste em destacar que um poeta não é nacional simplesmente por inserir a natureza do país em seus versos, é preciso que siga naturalmente a sua imaginação, buscando a originalidade. Assegura também que, com a ação do tempo, os defeitos podem ser corrigidos e as qualidades aperfeiçoadas.

Naquela época, quase não há teatro brasileiro e nem se representa nenhuma peça nacional, conseqüentemente pouco se escreve no gênero. Valorizam-se muito as traduções de peças estrangeiras em detrimento das nacionais, diz Machado em tom de crítica. Ele ressalta, ainda, as comédias de Martins Pena, as tragédias de Gonçalves de Magalhães, os dramas de Gonçalves Dias, José de Alencar e outros e lamenta que nada tenha despertado interesse para continuação.

Com relação ao uso da língua, o crítico é muito severo. Mesmo consciente da evolução da língua, sob as influências do tempo e de novos usos e costumes, ele não aceita as impurezas de linguagem, como os solecismos (erros de sintaxe) e a exagerada influência da língua francesa, tão em moda. Declara categoricamente que "*a influência popular tem um limite; e o escritor não está obrigado a receber e dar curso a tudo o que o abuso, o capricho e a moda inventam e fazem correr*" (p.147). Isto não significa escrever como os clássicos o que seria de um "anacronismo insuportável" (p.148), mas usar formas mais apuradas de linguagem.

Considerações Finais

Machado termina este ensaio com ênfase nacionalista, perdoa aos escritores os erros por ele mesmo apontados e exalta as qualidades, apostando num futuro promissor para a literatura brasileira: "*viva imaginação, delicadeza e força de sentimentos, graças de estilo, dotes de observação e análise, ausência às vezes de reflexão e pausa, língua nem sempre pura, nem sempre copiosa, muita cor local, eis aqui por alto os defeitos e as excelências da atual literatura brasileira, que há dado bastante e tem certíssimo futuro*" (p.148-9).



Assim sendo, para o crítico citado, a obra literária se perpetuaria como genuinamente brasileira, se fosse a afirmação do verdadeiro instinto de nacionalidade, manifestado como sentimento íntimo e natural ao escritor. Para chegar a esse patamar, a literatura brasileira teria que ser burilada durante muito tempo, passando por várias gerações, até atingir o amadurecimento necessário para que se pudessem corrigir os erros e solidificar as qualidades.

Referência Bibliográfica

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. "Literatura Brasileira - Instinto de Nacionalidade". In: Crítica Literária. Obras Completas de Machado de Assis. Rio de Janeiro / São Paulo / Porto Alegre: W. M. Jackson, 1959, p.129-49.